

Revista

# SANGUE VERDE OLIVA

## Positivo

Nº 002 - JANEIRO A ABRIL 2006 - Informativo dos Oficiais R/2, ex-alunos do CPOR/RJ



## Editorial

*Resolvemos criar esta revista para divulgar o trabalho da Associação dos ex-Alunos do CPOR/RJ, verdadeiros abnegados que há mais de uma década vêm conseguindo criar um conceito muito bom dentro do meio militar. O Número 001, apresentou matérias sobre as experiências vividas pelo Autor desde que desfilou no Sete de Setembro, abrangendo os quatro meses que terminaram o ano de 2005.*

*Neste Número 002, enfocamos os quatro primeiros meses do ano de 2006 indo até as comemorações dos 14 anos da Associação dos Ex-Alunos do CPOR/RJ e os 9 anos do CNOR. As opiniões aqui emitidas e matérias assinadas, são de responsabilidade exclusiva do Editor e dos respectivos Autores e não necessariamente refletem o pensamento da Diretoria da Associação.*

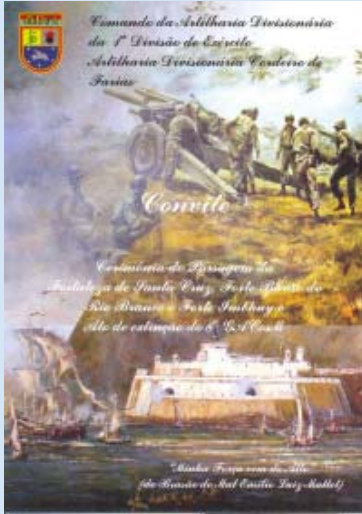
*Acho que as fotos valem por mil palavras, logo, espero que o leitor goste. Para reclamações e sugestões, usem a Carta dos Leitores da página 12.*

*Brasil Acima de Tudo !*

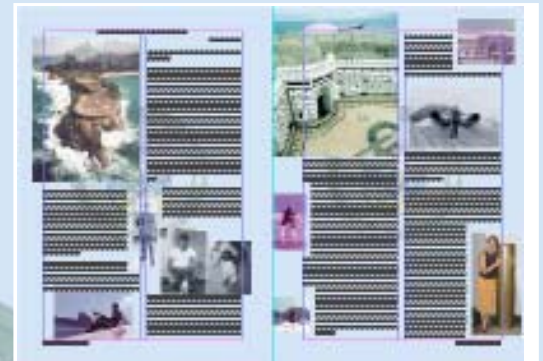
*Luiz Mergulhão, 2º Ten R/2 Art turma 1965*



Città America - Av das Americas, 700 bloco 1 sala 314 (21) 2132-8877 - <http://www.rioartderm.com/>



Israel Blajberg esteve presente à cerimônia de extinção do 8º GACosM o que acabou com Cinco Séculos de Artilharia de Costa... Página 5.



O Forte de Copacabana, Hoje Museu do Exército, conhecido no passado como o baluarte da defesa da entrada da barra ou o Sentinela da Baía nesta história do Editor .....Página 8.



A bela horta do CPOR/RJ, que a grande maioria não conhece e nem sabe existir. Página 14

Reviver o passado é alimentar o futuro retrata as festividades dos 14 anos da Associação e 9 do CNOR..... Pág 44



## Revista **SANGUE VERDE OLIVA**

**Informativo dos Oficiais R/2, ex-Alunos do CPOR RJ**

Quartel do CPOR RJ  
Av. Brasil, 5292  
21040-361 Rio de Janeiro - RJ  
<http://www.tchibum.oi.com.br>

### Editor

2º Ten R/2 Art Luiz Mergulhão  
[tchibum@gmail.com](mailto:tchibum@gmail.com)

### Fotografias

2º Ten R/2 Art Israel Blajberg  
2º Ten R/2 Art Luiz Mergulhão  
Joacy Carneiro (\*)

### Editoração e Arte

Avelino Neto

### Impressão

### Tiragem

500 exemplares

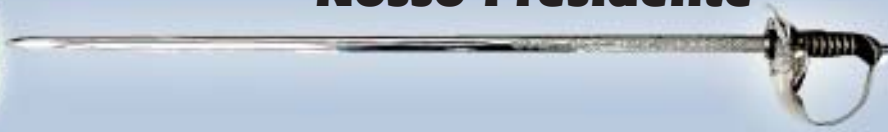
(\*) Fotógrafo oficial do CPOR RJ

# Sumário

Nosso Presidente.....	4
5 Séculos de Artilharia de Costa .....	5
O fim da Artilharia de Costa.....	8
Cartas e E-mail dos leitores .....	12
Modernização do Museu do R/2 do CPOR/RJ.....	13
A horta do CPOR/RJ .....	14
O 1º dia dos resto de nossas vidas .....	16
R/2 palestra para alunos do CPOR/RJ .....	19
Cmt ministra aula inaugural do EAS/EST 2006 ...	22
Carnificina no CPOR/RJ .....	24
Inspeção no CPOR/RJ .....	30
Cmt convoca ex-alunos para palestra da DFA ...	32
O Retorno dos Velhos Artilheiros .....	34
Ex-alunos abrem desfile no CPOR/RJ .....	37
Presidente do CNOR palestra para EAS/EST .....	40
Show de luzes no CPOR/RJ .....	42
Reviver o passado é alimentar o futuro.....	46



## Nosso Presidente



### Palavras do Presidente

A Associação dos Ex-Alunos do CPOR/RJ foi fundada em 13 de Abril de 1992. Seu quadro social reúne várias gerações de Aspirantes-a-Oficial e Oficiais R/2. Apesar da diferença etária, todos nós valorizamos os princípios e sentimentos despertados durante o nosso período de formação.

Chegamos à metade de nosso mandato, com alguns trabalhos concluídos e muita coisa ainda por fazer.

Com o reinício do ano letivo no CENTRO, o nosso envolvimento nos eventos do Quartel recomeçou, somando-se a nossas atividades normais.

Como sempre, essas tarefas são executadas por poucos associados, que se desdobram para cumprirem suas missões.

Reiteramos, pois, nosso apelo no sentido de aumentarmos o número de colaboradores, para

que possamos estruturar nosso trabalho, ensejando, ao mesmo tempo, o preparo para o “recompletamento do efetivo”, porque não somos eternos.

Afinal, a Associação dos Ex-Alunos do CPOR/RJ não pode existir somente em função de alguns poucos.

Somos todos Oficiais R/2 e temos uma missão comum.

**Somos tropa amiga, em estado de alerta, aguardando as necessárias instruções.**

Paulo Coimbra Sauwen 2º Ten R/2 Art (\*)  
Presidente

(\*) O Ten Paulo é natural do Rio de Janeiro e foi declarado Aspirante em 1956



## Cinco Séculos de Artilharia de Costa Início de uma Nova Era

Israel Blajberg (\*)

Através dos séculos, elas foram as sentinelas avançadas guarnecendo o litoral. As naus que ousaram desafiar o seu poderio, expondo-se imprudentes em mar aberto diante das suas bocas de fogo, pagaram o preço de afrontar as muralhas das suas praças fortes.

Jamais vencidas, engajaram ao largo franceses, holandeses, piratas, que nunca as conseguiram saquear.

Mas o futuro chegou. As fortificações que pontilham o nosso

*“Pela costa dos mares profundos,  
Ou dos rios às margens floridas,  
Afrontando tufões iracundos,  
Impassíveis às águas subidas,  
Sentinelas da Pátria querida,  
Nossa vida é guardar sua vida.”*

litoral são a testemunhas mudas do fim da guerra de posição. Mal imaginavam aqueles antigos engenheiros europeus... O labor de ajustar pedra sobre pedra, realizar na prática as filigranas arquitetônicas das torretas e seteiras que eles tão diligentemente projetaram, dos quais o maior expoente foi D’Alpoim, nosso primeiro Engenheiro Militar.

A epopéia de erguer estes verdadeiros monumentos não foi em vão. Hoje é o nosso Patrimônio Histórico, a lembrança de um passado em que a nação lutou e se afirmou o embasamento do Brasil independente de hoje.

5 JAN 2006. Os convidados vão chegando para a cerimônia na Fortaleza da Santa Cruz da Barra.



Canhão Vicker Armstrong de 152,4 mm



Serão privilegiados pelo momento histórico que irão viver em alguns minutos.

Mais que o final de uma época, simboliza o início de uma nova era que já começou. A última unidade de Artilharia de Costa do Exército Brasileiro será oficialmente extinta, cumprindo formal e solenemente a determinação do Comandante da Força, no âmbito de um extenso Programa de Modernização da Artilharia Brasileira.

A noite do verão de janeiro foi refrescada pela chuva, o tempo mais parece londrino que niteroiense. A antiga capital do Estado do Rio já perdeu muito dos ares bucólicos de um passado nem tão remoto. A Fortaleza outrora distante agora está cercada pela mancha urbana

que avançou o quanto pôde, felizmente detendo-se ainda longe, assim poupando os sítios históricos, como soe acontecer em volta de guarnições militares, preservando o patrimônio natural da especulação imobiliária que desfigura antigas lembranças.

Quando não havia Ponte era uma viagem demorada, agora se resume



a rápido passeio. Melhor ainda quando se vai de catamarã, desembarcando em Charitas, bem próximo a Santa Cruz, navegando pelas mesmas águas que esquadras invasoras atreveram-se a adentrar, para sempre serem expulsas.

Já de há muito não mais existe a A Cos/1, sediada no Forte de Copacabana, verdadeira sala de visitas do então I Exército. Com seus



Ten Mergulhão, CLF, dando instruções durante tiro do Forte do Imbuí em Rio Bonito (1969)

*“Não tememos a fúria do mar*

*Nem canhão, nem aéreo torpedo,*

*Quem defende o Brasil não tem medo*

*E só tem um dever: é lutar!*

*E na costa a lutar os primeiros*

*Somos nós, somos seus artilheiros!”*

Ten Mergulhão, durante tiro do Forte do Imbuí na Praia de Piratininga (1967)



incorporou a 1ª/1º G A Cos M, Bateria que utilizava o mesmo canhão e onde serviram entre tantos R/2 nossos colegas de turma, Silveira e Mergulhão (Forte do Imbuí) e Cabral (Santa Cruz) .

Seus fogos poderosos dos canhões ingleses Vickers Armstrong 152.4 mm (seis polegadas) tracionados por possantes tratores abalavam os ares, disparando granadas sibilantes capazes de destroçar um alvo a 12 milhas. Pacatas praias de Itaipu, Camboinhas, Piratininga, Itaipuaçu, em priscas eras areais desertos onde as baterias entravam em posição para saudosas Escolas de Fogo em que se adestravam os novos artilheiros.

Unidade que integraria a primeira linha de defesa no caso de uma invasão alemã. Perigo real que felizmente não se concretizou. As derrotas do Afrika Korps nas areias do deserto, e da Wermacht nas estepes russas, determinaram a

dois Grupamentos, GW, de Oeste, sediado na Fortaleza de São João, e GL, de Leste, sediado no Forte do Gragoatá, em suas instalações se aquartelaram novas Brigadas e outras importantes unidades, não só operacionais, mas também de estudos e pesquisas.

A Cerimônia se inicia com o canto do Hino Nacional Brasileiro. Seguem-se as palavras emocionadas do Ten Cel Costa e Silva, Cmt do 8º G A Cos M, despedida que não será uma passagem de comando. Unidade antiga e tradicional, outrora sediada no Leblon onde depois se instalou quartel da PMERJ e que, com a ida para Niterói,

**6** Sangue VO +



Canhão Vicker Armstrong de 152,4 mm

impossibilidade dos nazistas chegarem até as nossas costas, o que hoje parece ficção, mas na época em que o Brasil declarou guerra a Alemanha, era um fato plausível.

Observando a Galeria dos Comandantes, um nome se destaca: Coronel Ernesto Geisel, que comandou o Oitavo de 27 ABR 54 a 07 FEV 55. Seu nome foi dado ao Grupo agora extinto cujo acervo passa para o 6º GLMF e CI Formosa – GO, incluindo sua espada dourada de Oficial General. Ali passará a estar concentrado o maior poder de fogo da Artilharia Brasileira, com o Sistema ASTROS.

Os Fortes Barão do Rio Branco e Imbuí (da grafia antiga, Imbuhy) serão guarnecidos pelo 21º GAC, unidade FEBiana vinda do histórico acuartelamento de São Cristóvão.

Do alto do Pátio do Farol, na extremidade da Santa Cruz da Barra, contemplamos o alvorecer de uma nova era, em que os Lançadores Múltiplos de Foguetes assumirão a vanguarda, reafirmando o poderio da Arma dos fogos largos poderosos e profundos, agora com alcance, intensidade e precisão jamais sonhada pelos velhos Artilheiros de Mallet. Mas ainda que o material mude, a tenacidade e o espírito de luta permanecem, perpetuando a mensagem do Patrono: “... por aqui não passarão !” (\*\*)

Os soldados de serviço no Pátio não gostam muito de chegar perto da amurada. Especialmente em uma noite chuvosa como essa, de nuvens baixas e neblinas esvoaçantes.

Retornando pensativos pela estrada estreita, contemplamos as praias com seus colares de pérolas luminosas pontilhando a vastidão do *mare nostrum*.



Com a chuva, a formatura não pôde ocorrer no pátio. O Gabinete do Comandante torna-se pequeno para tantos convidados. O Gen Mayer, Cmt da AD/1 pronuncia rico apanhado histórico da evolução da Arma, enquanto a Banda executa em acordes suaves a Canção da Artilharia de Costa. Ao fundo, uma senhora cantarola baixinho; emocionada recorda a canção com que tantas vezes fora embalada na infância...

Em seguida, com a passagem de Estandartes Históricos, da Espada do Presidente Geisel, e da chave do Forte, o sítio da última fortificação artilhada brasileira ainda operacional se converte no Quartel General da AD/1.

Não mais o clarão dos holofotes, as lunetas, os telêmetros. O Oitavo acaba de ingressar solenemente na memória da Artilharia Brasileira,

As esposas dos Comandantes trocam presentes, os convidados se dirigem ao Salão de Pedra para a recepção.

Vamos retornar para casa, não sem uma ponta de saudade dos tempos em que servimos “... pelas costas dos mares profundos...”

O vento tange a neblina, construindo formas etéreas flutuantes ... seria apenas a nossa imaginação? É voz corrente entre as praças que as almas de velhos prisioneiros ficam por ali em noites assim... e que antigas naus de contornos arredondados ... oscilam ao longe no mar revolto, velas da Cruz de Malta insufladas pela brisa que sopra pela entrada da barra ...

(\*) – [iblj@telecom.uff.br](mailto:iblj@telecom.uff.br)

(\*\*) *Batalha de Tuiuti - 24 MAI 1866, à frente do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, hoje Regimento Mallet*

*N. do A. :  
Na Galeria dos Comandantes vimos retratados dois de nossos antigos Instrutores do C Art do CPOR/RJ:*

*Cel Art Rubens Vaz da Cunha (05 fev 82-07 fev 84)  
Cel Art José Luiz de Araújo Soares (07 fev 84-14 fev 86)*

## O fim da Artilharia de Costa

Luiz Mergulhão (\*)

a jurássicos sobreviventes de uma era que não existe mais?

É claro que não, pois existem unidades com uma longevidade infinitamente maior e ainda, como o Regimento Sampaio de Infantaria, levando seus valerosos soldados a integrarem forças de paz como as da ONU no Haiti. Mas, inegavelmente é sinal dos tempos. Lembro-me muito bem quando ainda estava na Central de Tiro do Forte de Copacabana e 3º GACos, dentro da centenária fortificação que abriga os famosos canhões Krupp de 305 mm, os maiores da América Latina. Do tempo em que lá fomos Aspirantes e tínhamos como mascote um pingüim desgarrado de terras argentinas, lembramos com orgulho daqueles equipamentos grandiosos responsáveis pelo tiro e manobrabilidade das torres dos canhões hidráulicos cuja eletricidade era gerada numa usina com enormes mostradores alemães de 1914.



Israel Blajberg, Oficial R/2 como eu, e meu colega de turma, esteve neste início de 2006 numa solenidade na Fortaleza de Santa Cruz, Niterói: a extinção do 8º GACosM – que por sinal incorporara o acervo da minha antiga Unidade, a 1ªº GACosM e Forte do Imbuí, que por sua vez já abrangia o Forte Barão do Rio Branco e o Forte São Luiz, também conhecido como Forte do Pico, todos em Jurujuba, Niterói.

Eu, como ele, ainda como Aspirantes, fizemos estágio no Forte de Copacabana e 3º GACos, hoje Museu do Exército. Será alguma indireta pelo fato de já sermos sexagenários? Já estaremos sendo comparados



lanchonete da Colombo que nas tardes, se enche de turistas nas agradáveis alamedas que margeiam o mar com sua brisa característica. Visite a Central de Tiro com os bonecos nas posições habituais de trabalho nos delicados equipamentos mecânicos destinados a fazer a “predição de tiro”, ou seja, calcular o ponto



E as granadas??? São enormes, pesadas (há uma talha para as podermos levantar) e estão lá, guardadas para toda a eternidade: são todas pintadas na cor amarela sendo explosivas as com a ponta



Asp Mergulhão e os canhões de 190mm da 2ª Bateria (1966)



futuro onde o canhão deveria atirar para encontrar o navio inimigo, normalmente em alta velocidade e navegando em zigue-zagues. Calcular a duração do trajeto da granada de 450 kg até um alvo a 23 km de distância (a linha do horizonte é apenas de 16 km), onde as camadas de vento podem influir, a temperatura da pólvora e mais uma série de detalhes, todos computados mecanicamente. Repito, olhe toda essa parafernália com olhos de 1914, época da Primeira Grande Guerra. Depois visite o paiol que fica logo abaixo da cúpula do canhão. Infelizmente, os canhões não são abertos à visitação, provavelmente para se evitarem acidentes já que o local é bem apertado. Mas a torre propriamente dita é composta de três andares. O superior, onde ficam as culatras dos dois canhões Krupp, cada uma pesando tanto quando um fusca. No meio, um andar intermediário onde ficavam os operadores dos elevadores. São dois, um para cada peça (canhão) e se movem também hidraulicamente. Cada um carrega a granada, o estojo (nome, na Artilharia para cartucho) e uma carga suplementar pois só a pólvora do estojo (que é quase da minha altura) não é suficiente.



vermelha e perforantes as com a ponta pintada de azul. Vale a pena ir lá olhar aquele tesouro guardado e que em diversas ocasiões de nossa história, se manifestou com sua voz trovejante.

As de ponta vermelha, como o nome já diz, são explosivas. Na Artilharia chamamos “explosivas de espoleta instantânea” pois a tal espoleta (a peça pintada de vermelho e atarraxadas em sua ponta) explode ao atingir o alvo. E, como os navios nos tempos das duas grandes guerras eram encouraçados, para estes, havia uma bela surpresa: a granada perforante. Elas, como o nome induz, possuíam uma ponta muito dura de aço para furar o casco e ir até as entranhas do vazo de guerra inimigo. Lá dentro, ao ser freada pela massa de aço, sua espoleta “de ogiva” – tinha este nome porque era atarraxadas atrás da granada, explodia justamente por inércia. Isto mesmo. Um percussor, espécie de “prego de aço”, quando a granada era parada violentamente ao chegar ao destino, este, por inércia, continuava a frente e





O paiol debaixo da cúpula dos canhões de 305mm

atingia o “fulminato de mercúrio” explodindo a granada dentro do alvo.

### “Sentinela, da baía

### Tens um nobre dever..”

Na foto ao lado, estou com a mão justamente sobre o orifício onde é atarraxada a espoleta de ogiva no suporte destinado a este fim, dentro do paiol. Os paióis são dois, De um lado, onde ainda ficam as granadas. E no lado oposto onde ficam os estojos vazios já que toda a pólvora já foi retirada desde a transformação do Forte em Museu. Que bom que o Exército continue defendendo esses velhos baluartes, verdadeiros monumentos de nossa história, da especulação imobiliária.

Quem possui a identidade militar (a nova, do Ministério da Defesa – se ainda não a renovou, pode fazê-lo diretamente no PDC) tem entrada franca com direito a um acompanhante. Os

